

A língua e a instauração do outro no discurso - um conceito benvenistiano explorado no texto *Antes e Depois*, de Moacyr Scliar

letrônica

Marlete Sandra Diedrich*

1 Considerações iniciais

Sem dúvida alguma, Benveniste foi o responsável por uma nova face dos estudos linguísticos, uma vez que, colocando as estruturas linguísticas no centro de seu trabalho, conseguiu desenvolver a noção de subjetividade, definida por ele como “a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Com essa noção, encontramos inscritos na língua não apenas o sujeito da enunciação, mas também sua relação com o outro, caracterizando, dessa forma, o que entendemos por intersubjetividade, a qual, na visão do autor, é constitutiva da linguagem.

Por essa razão, vemos na teoria da enunciação de Benveniste pressupostos teóricos bastante produtivos para a análise dos fenômenos que nos interessam neste trabalho: a instauração do EU, como origem da enunciação, e do TU, como destino da enunciação, por meio de elementos linguísticos marcados na produção do enunciado. Com interesse central na instauração dessas duas figuras, procuramos descrever a que estruturas linguísticas se recorre, no interior do texto analisado, para a criação de uma imagem de locutor “que se diz EU”, e de seu interlocutor; em outras palavras, procuramos encontrar o homem na língua por meio da análise de fatores de subjetividade que explicitem não apenas o sujeito da enunciação, mas, por meio deste, também o OUTRO envolvido “no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem” (BENVENISTE, 1989, p. 80).

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica /RS, professora de Linguística e Língua Portuguesa do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. E-mail: marlete@upf.br

É importante frisar, desde o início, que nosso trabalho está centrado na descrição das estruturas linguísticas, as quais são decorrentes, vale lembrar, do isolamento dos elementos distintivos de um conjunto finito e do estabelecimento de leis de combinação desses elementos: o eixo das possibilidades e o eixo das realizações, tão bem postos por Saussure e reiteradamente lembrados por Benveniste (1989, p. 33). Assim, nossa pesquisa se volta para as formas linguísticas, mais especificamente, pronomes, vocativos e verbos, presentes no texto *Antes e Depois*, de Moacyr e Scliar, que apontam para a construção das imagens do EU e do TU no discurso. Não se trata, portanto, de um trabalho acerca do sujeito, mas de como ele pode ser representado na língua e, por meio dela, dar a conhecer também o OUTRO.

Mas como dar conta desse objeto, se o queremos fazer no âmbito da enunciação, e esta, por sua vez, representa o ato individual de colocar a língua em funcionamento, e, portanto, revela-se irrepetível e marcada pela singularidade de cada ato? As análises aqui realizadas somente podem ser medidas e controvertidas em relação à situação de funcionamento a que se referem: o discurso do locutor que se revela na situação de comunicação apresentada/representada no simulacro conversacional do texto *Antes e Depois*, de Moacyr Scliar. Isso porque a relação do locutor com a língua é que determinará as combinações linguísticas próprias de cada enunciação. Por outro lado, não podemos pensar que essas combinações possam ser completamente inusitadas e irregulares, uma vez que a língua, antes da enunciação, já se constitui como eixo de possibilidades.

Ao ser colocada em funcionamento na realização individual, a língua assume a instância do discurso e, portanto, constitui-se não mais apenas como possibilidade, mas como realização. Realização marcada pela singularidade do ato, mas regularizada pelas possibilidades do sistema. Nesse sentido, percebemos uma relação muito intrigante entre enunciação e língua, a qual nos leva ao seguinte questionamento: é possível realmente afirmar que a enunciação é capaz de criar a língua? Se admitirmos que todas as realizações já estavam previstas no eixo de possibilidades do sistema, então podemos dizer que o sistema só se dá a conhecer na enunciação? Tais questões não estão devidamente respondidas para nós, o que nos leva mais uma vez à discussão acerca da língua *versus* fala. Certamente não estamos nos referindo a dicotomias estritas, uma vez que nosso trabalho interessa-se pela enunciação, caracterizada pela integração entre sistema e uso. A

questão que colocamos aqui é outra: que relação há entre sistema e uso? E em que medida um influencia o outro?

Fiorin (1996, p. 15) diz ser o discurso o lugar da instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido com a infringência ordenada às leis do sistema. Seguindo esse pressuposto, reiteramos a ideia do autor de que a enunciação não pode ser pensada apenas como a apropriação individual do sistema, uma vez que, perseguindo essa ideia, estaríamos concebendo a língua como realidade preexistente ao ato enunciativo. E parece não ser assim que os fatos se desenvolvem, uma vez que, a cada ato enunciativo, o indivíduo não só emprega a língua, mas desvela novas estruturas que passam também a constituí-la. Mas não podemos jamais entender essa instabilidade como sinônimo de desorganização ou caos. Pelo contrário, os estudos enunciativos procuram mostrar que a instabilidade do discurso revela em cada ato uma ordem própria, que muitas vezes não condiz com a ordem apresentada anteriormente pelo sistema.

Sem dúvida, é essa realidade inusitada, ainda não descrita que desperta nosso interesse. E esse interesse acaba por influenciar também a noção de língua que assumimos na nossa prática de ensino de língua materna. A língua sempre foi ensinada como um conjunto de estruturas pré-concebidas e dadas como definitivas, o que, sem dúvida alguma, fez com que muitos alunos do ensino fundamental e médio se desinteressassem pela sua descrição. Entretanto, experiências pedagógicas por nós desenvolvidas já apontaram para o sucesso da prática de ensino de língua a partir da descrição e análise de estruturas decorrentes de condições específicas de cada uso. Por essa razão, este artigo, apesar de não representar uma reflexão sobre a prática pedagógica, pretende também lançar algumas “luzes” sobre ela. Pretensão essa reforçada pelo fato de o texto aqui analisado fazer parte de uma proposta apresentada na prova de Língua Portuguesa de um dos concursos vestibulares da Universidade de Passo Fundo (2005/2) e, portanto, representar também um momento de avaliação da prática de ensino da língua materna.

Escolhemos o texto *Antes e Depois* para análise por razões bastante evidentes: trata-se de um texto do tipo crônica cuja construção se caracteriza pela instauração de personagens que dialogam entre si e que, por meio deste diálogo, dão-se a conhecer; características que criam um simulacro enunciativo que nos interessa, tendo em vista os objetivos já explicitados. Outro aspecto interessante do texto de Moacyr Scliar é o fato de ter sido produzido por meio gráfico, mas apresentar características, do ponto de vista conceptual, próprias do texto falado, o que nos leva mais uma vez a refletir acerca dos seus aspectos enunciativos.

Sendo assim, desenvolvemos, na sequência, primeiramente alguns apontamentos teóricos considerados fundamentais para o trabalho que se pretende fazer; logo depois, passamos à análise dos fenômenos observados no texto; na sequência, analisamos até que ponto o conceito de intersubjetividade colabora para as questões exploradas a partir do texto; e, por fim, aventuramos a tecer algumas considerações conclusivas acerca do fenômeno investigado.

2 A enunciação em Benveniste

Muitos trabalhos desenvolvidos na área da linguística têm como interesse a enunciação. Entretanto, ao contrário do que muitos pensam, não temos uma teoria da enunciação, mas um conjunto de teorias que perseguem esse objeto de estudo. Entre elas, podemos citar trabalhos de Bakhtin, Jakobson e Benveniste.

Nosso interesse se volta para a enunciação conforme descrita e abordada por Émile Benveniste (1989, p. 82): “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” Trata-se, portanto, de um ato, constituído de um locutor que fala a um interlocutor e, em função disso, mobiliza a língua por sua conta.

Segundo Benveniste, a enunciação pode ser estudada sob diversos aspectos, dentre os quais ele focaliza três: a realização vocal da língua; a conversão da língua em discurso; e a definição da enunciação no quadro formal de sua realização. Passemos rapidamente à explanação de cada um deles e deter-nos-emos no último deles, uma vez que é a ele que o objetivo de nossa investigação se circunscreve.

No que diz respeito ao primeiro deles, a realização vocal da língua, encontramos em Benveniste (1989, p. 82) uma rápida referência às diferenças sonoras decorrentes da realização individual dos sons entendida como uma característica enunciativa. Reconhecemos aí um importante pressuposto para a investigação de muitos fenômenos linguísticos em condição específica de uso da língua, mas não temos aqui o interesse de “navegar por esses mares”.

Em relação ao segundo aspecto, a conversão individual da língua em discurso, podemos reconhecer sua presença em nosso trabalho, uma vez que este procura dar conta da semantização da língua e, a nossos olhos, a enunciação está intimamente relacionada à construção do sentido. Logo, sempre que abordarmos aspectos enunciativos, abordaremos a conversão individual da língua em discurso.

E, por fim, em relação ao terceiro aspecto proposto e desenvolvido por Benveniste (1989, p. 83), o quadro formal da realização enunciativa é que nos voltamos completamente nesta investigação. Para tanto, retomamos o aparelho formal da enunciação proposto pelo autor.

3 O aparelho formal da enunciação

O interesse pelas formas sempre esteve presente na obra de Benveniste, e encontra-se reconhecido em *O aparelho formal da enunciação*, trabalho que desenvolveu com o intuito de descrever, no interior da língua, “os caracteres formais da enunciação a partir da manipulação individual que ela atualiza” (1989, p. 81).

Notemos a coerência que norteia o trabalho deste estruturalista. Talvez por esse direcionamento seja que Claudine Normand (1996) afirme que Benveniste ultrapassa Saussure enquanto outros dizem que ele apenas repete princípios básicos saussureanos. Esclareçamos: para um estruturalista, a enunciação só pode ser conhecida por meio de formas linguísticas, assegurando-se o lugar que cabe ao sistema enquanto parâmetro de possibilidades. Neste sentido, Benveniste reafirma sim ideias do mestre de Genebra, em especial, quando, reiteradamente, faz referência às noções de sintagma e paradigma, presentes e decisivas para a explicação de todo fenômeno linguístico que se pretende abordar sob o olhar estruturalista. Por outro lado, Benveniste reconhece na enunciação o ato individual de utilização do sistema, o que garante espaço para a instância discursiva em seus estudos; entretanto, nunca de forma dicotômica, como vimos em Saussure, mas de maneira integralizadora. Isso talvez confunda especialistas e leitores de sua obra, afinal, ainda é surpreendente aos olhos de grande parte da comunidade científica que alguém possa trabalhar com posturas diferentes, sem que uma anule a outra. Benveniste faz isso: reafirma ideias de Saussure e baseia-se nelas para construir sua teoria da enunciação, não prevista pelo mestre.

Nessa teoria, reconhece o locutor como condição necessária da enunciação. Isso porque a enunciação é reconhecida como uso individual da língua, logo, ela só ocorrerá quando o locutor assim decidir. Sem locutor, não há enunciação. Nesse processo, o locutor recorre às diversas possibilidades que a língua enquanto sistema estruturado de formas lhe oferece e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e de procedimentos acessórios (Benveniste, 1989, p. 84).

A introdução do locutor na sua própria fala, portanto, é um dado constitutivo da enunciação. E sua presença na enunciação torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Dessa forma, o locutor relaciona-se com sua enunciação.

O locutor tem, na teoria da enunciação de Benveniste, lugar de destaque, uma vez que a enunciação é por ele definida. Entretanto, sua relação com a enunciação só é possível por meio do aparelho formal da enunciação. É quando faz uso desse aparelho que o locutor é capaz de realizar o ato enunciativo em si e se marcar no discurso, bem como marcar o seu interlocutor, elemento que merecerá nossa atenção na sequência.

3.1 Subjetividade e intersubjetividade em Benveniste

Ao apresentar o quadro figurativo da enunciação, Benveniste (1989, p. 87) afirma: “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo.”

Com isso, reconhece a estrutura do diálogo como constitutiva da enunciação. E apresenta algumas estruturas formais como responsáveis por essa relação entre sujeitos. Entretanto, para abordar a relação dialogal proposta pelo autor, antes precisamos de um conceito mais preciso do que seja sujeito e de como a enunciação se caracteriza pela subjetividade. Passemos a esse ponto.

Antes de discorrer sobre o sujeito em Benveniste, precisamos lembrar que o autor não teve, em sua obra, um rigor terminológico e, por essa razão, muitas vezes, o *locutor* de um texto equivale ao *sujeito* apresentado em outro, ou ao *homem*, tão referido pelo autor. Não nos preocupamos com isso, mas recorreremos a um outro texto, anterior ao *Aparelho formal da enunciação*, o qual faz referência explícita à subjetividade na enunciação e é dele que extraímos a seguinte proposição: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (2005, p. 286).

A subjetividade representa, assim, a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. E, para isso, busca no estatuto linguístico a possibilidade de se determinar no discurso. Esse estatuto linguístico, num primeiro momento, parece revelar-se para Benveniste por meio dos pronomes indicativos das pessoas dos discursos:

Os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem. Desses pronomes dependem por sua vez outras classes de pronomes, que participam do mesmo *status*. São os indicadores da *déixis*, demonstrativos, advérbios, adjetivos, que organizam as relações espaciais e temporais em torno do ‘sujeito’ tomado como ponto de referência: ‘isto, aqui, agora’ e as suas numerosas correlações ‘isso, ontem, no ano passado, amanhã’, etc. (BENVENISTE, 2005, p. 288)

Entretanto, em *O Aparelho formal da enunciação*, percebemos que Benveniste reconhece que toda a língua pode estar a serviço da enunciação e, portanto, outras marcas linguísticas serviriam à subjetividade. Ao final do texto (1989, p. 90), o autor considera que “muitos outros desdobramentos” deveriam ser estudados no contexto da enunciação e anuncia a necessidade de se fazer uma distinção entre enunciação falada e enunciação escrita. Neste trabalho, não temos a pretensão de desenvolver esta distinção anunciada por Benveniste, mas apoiamo-nos em sua ideia para explicitar algumas construções sintáticas reveladas no texto analisado, uma vez que acreditamos serem decorrentes da situação específica criada no interior do texto – um simulacro que procura recriar uma situação real de comunicação entre sujeitos falantes e, portanto, responsável por uma enunciação marcadamente oral, fato este que se encarrega de um uso bastante específico das formas linguísticas, as quais, numa situação de texto conceptualmente escrito, não teriam coerência nem sentido.

Estando definida assim por Benveniste a subjetividade, voltemos (se é que em algum momento deixamos de abordá-lo) ao aspecto dialogal da enunciação, sob o qual se encontra a intersubjetividade, característica desencadeadora dos elementos linguísticos que se encontram no centro deste trabalho.

A intersubjetividade, para Benveniste, é constitutiva da linguagem, assim como também o é a subjetividade, ou seja, no momento em que admitimos a existência de linguagem estamos também admitindo a intersubjetividade, já que, como forma de discurso, a enunciação dispõe de duas figuras na posição de parceiros, os quais são alternadamente protagonistas da enunciação. Logo, não há, em seus trabalhos, maiores considerações acerca do fenômeno. Por essa razão, entendemos que nosso trabalho só encontrará justificativa se buscarmos, no aparelho formal da enunciação, as marcas linguísticas decorrentes desta realidade. E isso, a nosso ver, só é possível em função da singularidade do ato enunciativo, a partir da realidade enunciativa observada. Por essa razão, passamos, na sequência, à análise do texto em questão.

4 A intersubjetividade em *Antes e Depois*

4.1 O simulacro enunciativo

Para desenvolver sua proposta argumentativa, o autor do texto cria um simulacro enunciativo bastante instigante, uma vez que monta estruturas linguísticas que só se explicam em relação à situação interlocutiva criada no interior do texto. Para figurativizar essa situação, o autor põe no discurso sujeitos que se dão a conhecer por meio das construções linguísticas por ele produzidas no interior do simulacro enunciativo proposto. E aí se revela o primeiro fato que exige uma tentativa de explicação à luz da enunciação: há um narrador que discorre no primeiro parágrafo, responsável pelo enunciado:

Einstein passou à História por provar que tudo é relativo, mas disso sabe qualquer garoto: as frases ditas a uma criança são exatamente o contrário do que ela ouvirá trinta anos depois. Basta comparar a coluna um com a coluna dois, para que a gente se convença do quanto é absurda a loteria da vida. Para a infância, não há nada mais diferente que o ‘antes’ e o ‘depois’.

Este narrador dá a palavra a outros, que passam a dizer EU e a relacionarem-se entre si por meio da linguagem:

A linguagem só é possível porque cada locutor se coloca como sujeito, remetendo a si mesmo como eu no discurso. Dessa forma, *eu* estabelece uma outra pessoa, aquela que, completamente exterior a mim, torna-se meu eco ao qual eu digo *tu* e que me diz *eu*. (BENVENISTE, 1989)

A intersubjetividade encontra-se explicitamente marcada no texto em questão, como veremos a seguir, e é responsável por diferentes efeitos de sentido desencadeados no seu interior. Em cada um dos segmentos produzidos pela personagem que ganha direito a voz, temos acesso à relação intersubjetiva do sujeito que fala e do seu interlocutor, o TU, o qual encontra espaço garantido na fala do EU.

Para instaurar o outro em seu discurso, o enunciador faz uso de vários recursos. Entre eles, destacamos a categoria de pessoa, os verbos imperativos e a função sintática do aposto. Esses recursos linguísticos conseguem criar/ recriar a relação existente entre os interlocutores: o sujeito que fala só reconhece a existência do TU a fim de justificar sua própria fala, do contrário,

a quem estaria se dirigindo e como explicar seu discurso? Sendo assim, analisemos mais detalhadamente esses recursos gramaticais no interior do texto como um todo.

4.1.1 A categoria de pessoa

Benveniste (1989, p. 85) afirma que as formas tradicionalmente chamadas de pronomes pessoais representam, na enunciação, uma classe de indivíduos linguísticos produzidos pelo acontecimento individual de cada ato enunciativo. Assim sendo, há, no texto de Scliar, um discurso marcado por alta incidência de subjetividade, revelador de um indivíduo único que só se dá conhecer nesta situação, diferente de qualquer outro indivíduo, que também faz uso da mesma categoria EU, mas que se revela em outra situação diferente desta e que, portanto, está sujeito a novas influências e não pode mais se dizer ser o mesmo EU que toma a palavra neste texto.

Perseguindo esta mesma linha de raciocínio, Benveniste (1898, p. 85) deixou claro também que os indivíduos podem ser pessoas, momentos, lugares, opondo-se aos termos nominais, que enviam sempre a conceitos. Interessante este esclarecimento porque no texto em questão temos um sujeito que fala como um ser único, individual, entretanto, na proposta argumentativa do texto, percebemos que a voz não é de apenas um sujeito, mas de um sujeito que representa um grupo, uma função na relação intersubjetiva: ora a mãe ora a esposa, presumivelmente.

O mais instigante da relação intersubjetiva marcada neste texto é o fato de o TU não ter espaço, no interior do texto, para sua fala, a qual só é recuperada, e bem recuperada, na fala do EU. Para analisarmos melhor este aspecto, selecionamos alguns segmentos:

Segmento I

Mas você já está comendo de novo? Recém jantou e já está na geladeira? Mas que vergonha, homem. Olha a tua barriga. Coisa mais indecente. Quando é que você vai dar um jeito nisso? Sei, sei. Amanhã você começa a dieta. Já ouvi esta história mil vezes. (l. 8 a 15)

No segmento I, o TU da enunciação é marcado linguisticamente pelo uso do pronome *você*, referência direta a quem o sujeito fala, e reforçado pela conjugação verbal. Há, não só neste segmento, mas no texto como um todo, a repetição de expressões, em especial do pronome *você*. Sem dúvida alguma, este fenômeno, típico de construções marcadamente orais, cumpre papel

importante na relação intersubjetiva própria do ato comunicativo, uma vez que o sujeito do discurso está constantemente “lembrando” o fato de que não está falando para si, mas para um outrem. Com a repetição do pronome, este outrem é convocado a participar do ato.

Segmento II

Sim, eu sei que você precisa se apresentar bem, que o visual é tudo, especialmente em sua profissão.

Nesta construção, o “sim” que abre o discurso do sujeito só pode ser explicado pelo viés enunciativo, uma vez que o que leva uma pessoa a começar sua proposta comunicativa por “sim” é o fato de concordar, pelo menos parcialmente, com algo já dito anteriormente, ou seja, trata-se de uma construção que marca e explicita a relação intersubjetiva constitutiva da linguagem. Não sabemos, enquanto leitores, exatamente, quais foram as palavras proferidas pelo sujeito que só se dá a conhecer pelo discurso do outro: “eu sei que você precisa se apresentar bem, que o visual é tudo, especialmente em sua profissão.”

Mas é por meio da citação do discurso alheio que a enunciação se revela em todo o texto. E isso, certamente, encontra um propósito na construção argumentativa que se pretende: dar voz a apenas um dos sujeitos, a fim de marcar sua superioridade na relação intersubjetiva no que diz respeito à produção linguística. E aí está a riqueza do simulacro criado por Sciar. Em relação a isso, encontramos em Benveniste (1989, p. 84) a seguinte afirmação: “desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro.” O “grau de presença” do OUTRO, no discurso aqui analisado, representa importante recurso argumentativo na construção da proposta pretendida pelo autor do texto.

4.1.2 Verbos imperativos

As formas verbais receberam grande atenção de Benveniste. Entretanto, a análise que aqui fazemos não se filia à discussão das formas temporais apresentada por Benveniste. Dado o limite deste trabalho e, principalmente, as características do texto analisado, prendemo-nos à análise do uso do imperativo como forma capaz de marcar linguisticamente a relação intersubjetiva constitutiva de todo ato enunciativo. Exemplo disso encontramos no segmento III:

Segmento III

Faculdade? Depois de velho você quer voltar para a faculdade? Desista, meu caro, sua cabeça não dá mais, você tem de ficar no seu emprego, que além de tudo é tranquilo. E depois, para que quer você um diploma? Para ser mais um profissional liberal desempregado? Nada disto. Não vai para a faculdade, não. Fica em casa que é melhor.

Neste trecho, o sujeito faz uso reiterado da forma imperativa para se sobrepor em relação ao outro. Segundo Benveniste, “o enunciador se serve da língua para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário.” Trata-se de uma intimação, a qual “implica uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação.” (Benveniste, 1989, p. 86)

Entendemos o uso reiterado dos verbos imperativos neste texto como uma construção linguística que marca a relação entre os sujeitos da enunciação, a qual se dá de forma direta e que se volta à própria enunciação, uma vez que o sujeito falante, por meio deste expediente, revela seu papel de superioridade no ato enunciativo, sobrepondo, por meio das construções gramaticais das quais lança mão, suas ideias em detrimento das ideias do outro, caracterizando a relação intersubjetiva como assimétrica no que diz respeito à vez e à voz no processo interacional.

4.1.3 A função sintática do vocativo

A enunciação perpassa todos os níveis da língua. Basta determo-nos um pouco no texto analisado para comprovar tal afirmação. Vimos até aqui que a categoria de pessoa e os verbos no modo Imperativo desempenham papel fundamental no discurso analisado. E isso certamente vem reforçado pelo uso reiterado do vocativo. Não se trata de identificar uma nova função no texto, mas de perceber na língua mais um recurso gramatical a serviço da enunciação. Para melhor explicitarmos esse recurso, analisemos os segmentos:

Segmento IV

Mas você já está comendo de novo? Recém jantou e já está na geladeira? Mas que vergonha, homem.

Segmento V

Faculdade? Depois de velho você quer voltar para a faculdade? Desista, meu caro, sua cabeça não dá mais.

Sem dúvida, as diferentes expressões cumprindo o papel sintático de vocativo reforçam o sentido instaurado por meio da categoria de pessoa, uma vez que expressões como “homem” (segmento IV), “meu caro” (segmento V) representam formas eleitas pelo sujeito que fala para referir o outro diante de si e, por meio desta referência, revelar a natureza da relação existente entre os sujeitos.

5 O ensino de língua a partir dos aspectos enunciativos

Como já afirmamos anteriormente, vemos na teoria da enunciação proposta por Benveniste a possibilidade de renovação de nossas aulas de língua materna. Não se trata, logicamente, de repassar ao aluno do ensino fundamental e médio teorias linguísticas, mas aproveitarmos o conhecimento que temos do ato enunciativo para melhor explorar os recursos linguísticos característicos das diferentes situações interlocutivas vivenciadas pelo falante.

Ao final deste trabalho, ousamos tecer algumas considerações finais acerca do fenômeno investigado. Certamente, quando nos debruçamos sobre um texto com a intenção de olhar para ele pelo viés enunciativo, toda a língua se reveste de mistério, o qual é desvendado no momento da apropriação do texto pelo leitor. E é isso que torna as leituras mais instigantes; a língua, mais interessante. Benveniste preocupou-se com o estudo do sentido a partir da forma e foi isso que procuramos fazer neste artigo, apontando perspectivas para uma abordagem mais produtiva da relação intersubjetiva entre os sujeitos, em especial, no trabalho em sala de aula.

Referências

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas/SP: Pontes, 1989.

_____. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas/SP: Pontes, 2005.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

FLORES, Valdir do Nascimento & TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

NORMAND, Claudine. *Os termos da enunciação em Benveniste*. OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (orgs.) *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

Recebido em abril de 2012.

Aceito em junho de 2012.

Anexo

Texto analisado: *Antes e depois*, Moacyr Scliar, extraído da prova do vestibular 2005/2, da Universidade de Passo fundo, disponível em w.w.w.upf.br/vestibular/

Antes e depois

Moacyr Scliar

1 Einstein passou à História por provar que tudo é relativo, mas disso sabe qualquer garoto: as frases
2 ditas a uma criança são exatamente o contrário do que ela ouvirá trinta anos depois. Basta comparar a
3 coluna um com a coluna dois, para que a gente se convença de quanto é absurda a loteria da vida. Para a
4 infância, não há nada mais diferente que o “antes” e o “depois”.

5

6

7 Na infância

8 Come, guri. Se você não comer, vai acabar
9 doente. Anda, come o bife, está tão bom. Olha, se
10 você comer, nem que seja a metade, eu te compro o
11 Ferrorama.

12

13

14

15 Vai no colégio, sim. Que história é esta de ficar em
16 casa? E não vem me dizer que você está com febre,
17 porque é mentira. Tem de ir ao colégio para estudar
18 e ser alguém na vida.

19

Trinta anos depois

Mas você já está comendo de novo?
Recém jantou e já está na geladeira? Mas que
vergonha, homem. Olha a tua barriga. Coisa
mais indecente. Quando é que você vai dar um
jeito nisso? Sei, sei. Amanhã você começa a
dieta. Já ouvi esta história mil vezes.

Faculdade? Depois de velho você quer voltar
para a faculdade? Desista, meu caro, sua
cabeça não dá mais, você tem de ficar no seu
emprego, que além de tudo é tranquilo. E
depois, para que quer você um diploma? Para

20
21
22
23
24 Agora chega. Desliga esta TV e vai dormir, anda.
25 Amanhã você precisa levantar cedo para ir ao
26 colégio. Não, não tem nada de mais cinco
minutinhos. Você ferveu o dia inteiro, agora tem de
27 descansar.
28
29
30
31
32
33
34
35
36 Nada disto. Você não vai andar de bicicleta. Agora
37 está na hora de jantar. Além disto andar de bicicleta
38 é perigoso. Você passa na entrada de garagens, vem
39 um carro dirigido por um desses malucos que andam
40 soltos por aí, te atropela e era uma vez um menino.
41
42
43
44 Olha só as tuas roupas. Você suja tudo, rasga tudo.
45 Esses tênis não têm um mês ainda, e já dá para jogar
46 fora. Assim não há dinheiro que chegue. Por que é
47 que você não anda limpinho e arrumado como o
48 filho do nosso vizinho aqui de cima? Aquele, sim. É
49 um menino que dá gosto de olhar.

ser mais um profissional liberal
desempregado? Nada disto. Não vai para a
faculdade, não. Fica em casa que é melhor.

Dormir? Você já vai dormir? Mas você não
tinha dito que iríamos ao cinema hoje? Está
bom, eu sei que você teve um dia cheio no
escritório, que está cansado e com dor de
cabeça. Mas a gente também precisa se divertir
um pouco. Faz um mês que não saímos de
casa. Foi para isto que a gente casou? Quando
éramos noivos você não queria saber de
dormir, sempre dizia que a noite era uma
criança e que ainda dava para fazer mais
programa. Vamos lá, homem, te veste e vamos
sair.

Você precisa fazer exercícios, meu caro. Você
leva uma vida muito sedentária, todo o dia
sentado numa cadeira, no escritório. Isto é
perigoso. Afinal, você já entrou na faixa etária
do enfarte. E exercício é bom para descarregar
a tensão. Por que você não anda de bicicleta,
por exemplo? Olha, até que é divertido.

Sim, eu sei que você precisa se apresentar bem,
que o visual é tudo, especialmente em sua
profissão. Mas eu acho que você exagera. Eu
acho que você anda elegante demais. E isto
para mim só pode ter uma explicação: você
anda tendo casos por aí. Elegância demais é
coisa suspeita.